

A CHUVA E ELA

Um dia de sol agrada a todos. Mas ela nunca foi todo mundo. A chuva era só dela. E foi na escuridão que a tempestade traz, que o seu coração achou morada. Um abrigo por entre as sombras que remetem ao torpor, cercado pela inquietude que é sentir demais. Sua escolha pode tê-la apartado de tudo, mas a sabedoria sempre esteve em escolher se conhecer. E na casa que construiu em si, ela podia se ver em todo lugar, tanto na lembrança amarelada de uma decepção, escondida na segunda gaveta do quarto, quanto nos aprendizados que a vida lhe deu, emoldurados na sala de estar. No conforto dessa casa - sua casa - ela observa a chuva que cai, e sente paz, pois sabe que ali dentro, ninguém pode te afetar. Eis uma belíssima ilusão! Tão bela que dói dizer que uma pequena brecha na janela da alma deixou passar um raio solar. O tempo parou. A chuva continuava, e ela, parada, admirou o feixe que pairava no ar. Foi ali que nasceu o princípio do amor do qual ela vinha tentando se proteger. No começo teve medo, como havia de ser, mas o êxtase que na sequência a invadiu, não deixou ela fugir. Uma incerteza gigante se instaurou enquanto a mente gritava "se esconda" e o coração pedia "abra a cortina para ver". Ainda não acho que tenha sido algo pensado. Disseram-me que ela parecia estar sendo atraída pela luz. Só sei que a chuva continuava, quando ela abriu a janela e deixou o sol entrar. Depois disso, não tive notícias dela. Apenas ouvi rumores. Boatos sobre um arco-íris no olhar, que espero vir a conhecer, um dia.